

Carta a Celso Furtado

Luiz Carlos Bresser-Pereira
São Paulo, 16 de março de 1977

Carta para Celso Furtado, disponível apenas neste website.

Caro Celso,

Estou lhe enviando um trabalho de sua autoria do qual você não tem conhecimento, "A industrialização periférica". Trata-se de uma transcrição de uma de suas aulas na PUC, em 1975. Dois alunos meus tinham a gravação. A meu pedido fizeram uma primeira transcrição, a qual eu revisei o mais cuidadosamente que pude e transformei o trabalho em uma apostila da Escola. Considero a teoria que você apresentou nessa aula importante para a compreensão da industrialização nos países subdesenvolvidos. Toda a contradição que existe no modelo primário exportador entre a industrialização e a agricultura de exportação ganhou uma nova luz depois de sua contribuição. Imagino que, com base nessa apostila, talvez você possa publicar um artigo sobre o assunto.

Nesse caso, creio que valeria a pena você elaborar melhor a distinção entre as indústrias do tipo (b) e as do tipo (c). Como você mesmo observa, há uma certa confusão entre elas. Talvez fosse interessante considerar como critério fundamental para distingui-las não o fato de uma ser complementar das importações (b) e as outras não (c), mas o caráter não comercializável internacionalmente destas contra o fato de que as indústrias do tipo (b) competem com similares importados.

A crise brasileira vai se definindo. Creio que há, antes de mais nada, uma crise política de legitimidade.

Desde a recessão muito moderada de 1974 e da derrota nas eleições naquele mesmo ano, teve início essa crise. Por outro lado, a ameaça do comunismo e da subversão, que era outra face da legitimidade do sistema dominante, deixou de existir. Em consequência, observo na burguesia paulista principalmente um profundo desencanto e uma clara oposição ao governo.

A burguesia sente que serão necessários sacrifícios para se restabelecer o equilíbrio, mas não sabe quem deverá pagar a conta. Há uma redução à vista do excedente econômico para alguns grupos, e a burguesia teme o poder arbitrário e incompetente do governo para tomar essas decisões. As "simonetas" foram uma tentativa de atribuir o pagamento às camadas médias — à pequena burguesia e à classe tecnoburocrática. Mas essas classes reagiram, e agora estão chamando as "simonetas" de "recuetas". Houve também a reação da indústria

automobilística, mas estou convencido que quem pesou politicamente no recuo foram as camadas médias.

Meus planos de passar um semestre na França continuam firmes.

Um abraço do Luiz Carlos